

Lucas 22:54-57

“Uma criada o viu sentado ali à luz do fogo. Olhou fixamente para ele e disse: “Este homem estava com ele. Mas ele negou: Mulher, não o conheço”.

Foi logo depois da queda. Foi uma fuga? Talvez... mas o fato dos discípulos logo após a queda de Pedro, voltarem a suas atividades ordinárias não é ocasional, nem desprezível. Todos eles estavam sob a liderança de Pedro, que por ser líder tinha um poder de influência nato entre eles. Aquele ato era uma fuga.

Mas, por que eles resolveram seguir justo a quem havia descaminhado tão feio? A resposta a esta pergunta poderia render um debate de alguns dias, mas vou simplificar. Entre as muitas razões, escolho pensar que todos nós seguimos conselhos ou atendemos convites sem antes passá-los pelo filtro da prudência, da oração ou do discernimento espiritual. O fato é que Pedro estava voltando a ser aquilo que era antes do chamado, e levou boa parte dos discípulos consigo naquele ato intempestivo e desajuizado para o momento que viviam.

Não é incomum nos nossos fracassos pessoais de vida, mergulharmos no trabalho com uma intensidade bem acima do comum. O trabalho pode servir de rota de fuga nestas horas, e isto precisa ser interpretado como uma enfermidade da alma. É como se ocupando a mente com o trabalho, desviássemos as atenções do problema. Nada contra o trabalho, lógico, ele dignifica o homem, mas naquela hora Pedro deveria estar em oração, reconstruindo sua vida com Deus. Não estava porque ele próprio não se enxergava mais capaz de ser restaurado depois do que havia feito. Receber o perdão divino até não é difícil, o difícil é nos enxergarmos dignos do perdão. Este era o caso de Pedro.

Jesus depois de ressuscitado vai encontrar Pedro e o restante da trupe que o acompanhou naquela aventura de descaminho, justamente no pior momento do dia, quando eles estavam voltando daquela pescaria sem haverem pegado um peixe apenas. Nada novo até ali, porque em outra aparição Jesus já havia mandado um recado para Pedro anunciando que iria encontrá-lo.

O novo de Deus apareceu quando Jesus perguntou três vezes se ele o amava. Lógico que a tríplice pergunta tinha consonância com a tríplice negação. Para cada queda um eu te amo, este foi o preço que Jesus pediu a Pedro para justificar o seu perdão. Saiu barato, lógico, e isto incomoda aos legalistas que acham que um perdão barato pode servir de alibi e justificativa para reinstituição do pecado. Mas quem pensa assim não está olhando para cruz, porque o preço do perdão não foi a reafirmação de afeto de Pedro por Jesus, o preço daquele perdão foi a morte de Cristo na cruz. Quando ele perguntou três vezes se o amava, queria apenas justificar para Pedro que deveria entender a razão do preço pago por ele na cruz pelo perdão. Foi como se afirmasse: “Não foi porque é digno, nunca foi uma questão de dignidade humana, foi porque você me amava que eu morri em seu lugar.” E se morri por você porque me amava, agora você pode se achar digno do perdão, não porque é digno, mas porque na contabilidade celestial o perdão não é uma questão de méritos e deméritos, o que nos qualifica para o perdão é o que ele fez na cruz por mim.